



Rio Grande do Sul

[INÍCIO](#) > [VARIEDADES](#)

SÉRIE 8 DE MARÇO

Márcia Barbosa: 'mulher é ainda vista como coadjuvante'

Para professora, meio científico reflete sociedade patriarcal onde papel da mulher não é ser liderança ou ser inovadora

Fabiana Reinholz e Katia Marko
Brasil de Fato | Porto Alegre | 24 de Março de 2020 às 13:25



Pesquisadora do Instituto de Física da UFRGS é entrevistada na série especial 8 de Março do BdF RS - Foto: Reprodução/Instituto de Física UFRGS

Ao se falar em mulheres na Física, um nome facilmente vem à cabeça: Marie Curie (1867 - 1934). Albert Einstein se referiu a ela como, de todos os seres celebrados, o único que a fama não corrompeu. A física e química polonesa que ficou conhecida por suas contribuições sobre radioatividade.

Outros nomes que se destacam são de Elizabet Blackwell (1821 - 1910), física americana que se tornou conhecida por ser a primeira mulher a praticar Medicina nos Estados Unidos, fundadora da Universidade Médica da Mulher, e Maria Mayer (1906 - 1972), física teórica alemã que ganhou o Prêmio Nobel de Física por suas pesquisas sobre a estrutura do átomo.

No Brasil, Elisa Frota Pessoa e Sonja Ashauer foram as duas primeiras mulheres a se graduar em Física, Susana Lehrer de Souza Barros, descrita como pessoa sensível a questões sociais. A vida dessas e de tantas outras mulheres é retratada no livro "[Mulheres na Física, casos históricos, panorama e perspectivas](#)".

Apesar dos nomes relevantes de mulheres nesse campo específico da ciência, ele ainda é um ambiente dominado por homens. "Na ciência como em outras áreas da vida, mulheres são poucas e em particular são poucas em posições de destaque. No caso da Física já somos poucas no ingresso. Hoje no Brasil as alunas de graduação são um pouco mais de 20% dos estudantes e no topo da carreira somos 4%. Nas outras áreas como Saúde e Biologia, as mulheres estão em pé de igualdade no ingresso, mas no topo não ultrapassam 25%", ilustra a professora e pesquisadora Márcia Barbosa, do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ela é mais uma das mulheres entrevistada da [série especial 8 de Março](#) do Brasil de Fato RS.

Em um [artigo publicado em 2013](#), em Mulheres na Física do Brasil: Por que tão poucas? E por que tão devagar?, a professora, juntamente com Betina Stefanello Lima, afirma que são muitos os fatores socioculturais, ancorados no sistema de gênero, responsáveis pela sub-representação das mulheres nas áreas das ciências exatas e engenharias. "O desenvolvimento de habilidades e gostos por meio da divisão sexual dos brinquedos pode ser considerado um elemento essencial para a escolha de áreas de atuação".

A filha de um militar eletricitista e de uma dona de casa, que estudou toda a sua vida em escolas públicas, conseguiu alcançar de certa forma, os 25%. É atualmente diretora da Academia Brasileira de Ciências e membro da Academia Mundial de Ciências, e no mês de março foi eleita uma das 20 mulheres mais poderosas do Brasil em 2020, segundo lista divulgada pela revista Forbes.



Márcia foi eleita uma das 20 mulheres mais poderosas do Brasil em 2020 pela revista Forbes / Foto: Reprodução/Instituto de Física UFRGS

Em tempos de ataques à educação, à ciência e diante da pandemia do Coronavírus, Márcia ressalta o papel da ciência. "Hoje



Todos os conteúdos do Brasil de Fato podem ser reproduzidos, desde que não sejam alterados e que se dêem os devidos créditos.